

MENSAL Nº 19 DEZEMBRO 2013 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

BLUMUNDA 1998 ESTOLMO

DICIONÁRIO DE LUGARES IMAGINÁRIOS
ENCONTROS LUSO-GALAICO-FRANCESES



infantil e juvenil
andrea brites

encontros
luso-galaico-
franceses

19ºs encontros luso-galaico-franceses

O que são livros imprescindíveis?

Ninguém se atreveu a outorgar ou a universalizar. Porque a apaixonante reflexão dos estudos literários sobre o cânone é por demais polémica na sua complexidade. No entanto, não foi possível ou desejável contornar Harold Bloom e referir o sentido elitista, sexista e anglo-saxónico na descrição do seu cânone ocidental. Por outro lado, serviu-se Ana Margarida Ramos deste paradigma e das suas limitações para reiterar o carácter de rutura da trilogia de Maurice Sendak, que conseguiu ser reconhecido por Bloom, no seu tempo, a par de autores unanimemente aceites, todos eles mortos e com uma obra, por isso mesmo, imutável.

O tema surgiu, como explicou o presidente dos Encontros, o professor José António Gomes, como consequência natural do tema do ano passado, a educação literária. Cânone e clássico são dois conceitos, pelas suas características de legitimação e fixação, que provocam conflitos e obrigam à construção teórica de fronteiras e apagamentos. Então, a deslocação deste tema para a formação leitora, a leitura e a ideia de livro imprescindível mostrou-se mais consensual como ponto de partida. Permitiu igualmente que o rigor da investigação académica pudesse conviver de forma mais apaziguada com a subjetividade dos testemunhos de escritores, ilustradores e editores presentes.

Só um bocadinho de cânone

Nestes 19^{os} Encontros, o público voltou a ser maioritariamente estudante da Escola Superior de Educação do Porto, em cujo auditório se realizaram as comunicações e conversas ao longo dos dias 28 e 29 de novembro. Ali, entre apresentações de leituras académicas e conversas com profissionais da área editorial infantil e juvenil, os alunos puderam aceder a um palimpsesto de teses que contribuem para a problematização da leitura de literatura.

Se por um lado se confirmam autores incontornáveis como Beatrix Potter ou Maurice Sendak (nas comunicações de Sara Reis da Silva e Ana Margarida Ramos, respetivamente), por outro é a sua história exemplo suficiente para constatar a pluralidade da crítica e o peso da passagem do tempo nos processos de legitimação. Ao invés, um autor como Alfredo Guisado, ressaltou Ana Cristina Macedo, não mereceria estar totalmente apagado dos fundos das bibliotecas, ao invés de outros companheiros seus da geração de Orpheu, nomes maiores do cânone literário português, e por isso também acessíveis no que aos textos de receção infantil diz respeito.

A leitura escrutinadora de *Os Livros que Devoraram o meu Pai*, de Afonso Cruz, por Madalena Teixeira da Silva, deixou, intencionalmente, muitas pontas soltas, provando que a interpretação caminha sempre em direção ao infinito, que será por fim o abso-

***Uma característica
da literatura
infantil e juvenil
é ser para todas
as idades, o que
não acontece
com a literatura
institucionalizada,
ou para adultos.***

Blanca-Ana Roig Rechou, presidente da ANILLJ, professora e investigadora

19ºs encontros luso-galaico-franceses

luto intangível da leitura. Tal exercício promoveu, como sempre acontece quando as pistas encaixam no puzzle da decifração e recriação, um desejo renovado de ler a obra, o que não é de somenos importância.

Nada há de mais estimulante para um futuro professor do que aceder à magia do diálogo íntimo com o texto e perceber que essa é uma competência que também lhe cabe adquirir. Ainda que, para todos os momentos de dúvida, haja uma imensidão de referências, estudos, críticas e análises disponíveis, que ajudam a caminhar.

Os autores

N outra esfera, a do mundo autoral e editorial, a principal ideia a reter prende-se com a receção da leitura pelo seu público, especialmente o infantil. Sem margem para polémicas, os autores foram unânimes na defesa de que as crianças não leem como os adultos. A razão não se centra na insipiência das suas competências de leitura e sim numa outra forma de pensar.

Foi como resultado dessa observação que Rita Taborda Duarte começou a escrever, ao perceber que o que para o adulto não oferece qualquer estremecimento, arrumadas que estão regras de polissemia, sentido figurado ou homonímia provoca na criança uma verdadeira perplexidade. Esse questionamento transformou-se em narrativa, embora pouco, porque na opinião da escritora os seus textos acabam sempre por se afastar da intriga ou da ação.

A recuperação de personagens chave do seu universo formativo, como Alice ou o Príncipezinho, no seu primeiro livro infantil, *A Verdadeira História de Alice*, mais não fazem do que evidenciar essa necessidade de compreender a língua, de vencer ou pelo menos lutar contra a sua resistência. Os seus livros não são pensados para as crianças mas a partir das crianças, o que é completamente diferente. Talvez por isso, por resultarem desta observação, consigam albergar um discurso tão rico em intenção e estilo.

Chema Heras, por seu turno, explicou que começou a escrever por necessidade. Na Galiza, quando começou a dar aulas, não havia diversidade e qualidade de livros infantis em galego. Como resposta à urgência de novidades nas horas do conto, na aula, começou a inventá-las. Depois, o mesmo se passou com os filhos. As histórias eram uma resposta a um pedido, mas também uma forma de chegar às crianças.

São-no até hoje e não apenas em relação aos mais novos. Quando o escritor começou a contar a sua história mais emblemática, *Cando Martiño Tivo Ganas de Mexar na Noite de Reis*, toda a audiência ficou hipnotizada, seguindo-se uma audível frustração quando Chema Heras nos deixou a todos em suspenso.

Na Kalandraka, Olalla González, enquanto animadora da leitura, testa os textos junto do público infantil, filtrando assim aspetos que podem ser menos coerentes para a sua lógica leitora. Aliás, é prática comum da editora levar muitos dos seus projetos às salas de aula onde alguns dos seus colaboradores dão aulas para aceder à perspetiva das crianças.

***Esse mundo
(das crianças)
alimenta-me
ao mesmo
tempo que os
alimento.***

Marc Taegeer, ilustrador

19ºs encontros luso-galaico-franceses

Não há, no entanto, nenhuma instrumentalização do livro. Pelo contrário, as experiências de receção servem sobretudo para afinar detalhes que podem ajudar a que outras faixas etárias também o possam ler, o mesmo acontecendo com crianças com necessidades educativas especiais.

Olalla partilhou um episódio que se passou com a primeira edição de *Chibos e Sabichões*, quando, depois de testado o texto, o livro foi lido ao público e se percebeu que funcionava muito bem com crianças entre os 6 e os 8 mas falhava com os mais novos, de 4, 5 anos.

Concluiu-se que o problema estava em algumas ilustrações, que eram apenas representações parcelares dos animais, o que perturbava a identificação das personagens por parte dos mais novos. Na segunda edição, a editora pediu ao ilustrador que as alterasse e a partir daí o livro é lido a crianças dos 3 aos 8 com sucesso.

Este episódio confirma o que Chema Heras e Marc Taeger afirmam em uníssono: que as crianças leem as imagens de outra forma também. O ilustrador acrescenta que por isso tenta dar-lhes algo mais para além do texto, algo que a imagem possa oferecer e que os desafie a imaginar mais e mais.

Ao conjugar as funções editoriais com as de promoção da leitura, Olalla acredita ser essencial ouvir as crianças. Porque elas estão ainda à procura dos seus gostos, dos seus espantos, dos seus desgostos. Precisam de orientação, mas sobretudo de estímulos e de diversidade.

As edições



ma componente essencial destes encontros também tem sido a da divulgação de volumes de reflexão teórica sobre a LIJ, que escasseiam em Portugal, quer por via da academia nacional, quer por via de traduções em que as editoras portuguesas não apostam.

Para além de uma banca com álbuns, livros ilustrados e narrativas juvenis das melhores editoras, noutra podiam encontrar-se volumes sobre autores ou conceitos deste universo literário. A Tropelias & Companhia, que editará um volume sobre os encontros deste ano, e tem vindo a coligir livros teóricos de Sara Reis da Silva, Ana Margarida Ramos ou José António Gomes, partilhava o espaço com edições antigas da revista *Malasartes*, uma das referências mais importantes da última vintena de anos. Ao lado, dois projetos que resultam de grupos de investigação ibéricos e são financiados com verbas espanholas. Não é por isso de espantar que sejam as Xerais quem edita, desde 2004, um volume anual que resulta do trabalho de investigação e problematização da Rede Temática de Literatura Infantil e Juvenil do Marco Ibérico e Iberoamericano. O teatro, a narrativa juvenil (de que demos conta na *Blimunda* de outubro de 2012), o álbum, a rescrita da narração oral, ou a poesia são alguns deles. A preocupação do grupo quando escolhe o tema, como foi afirmado na apresentação das monografias por José António Gomes, é mostrar aos

Todos temos a expectativa e a convicção de que todos os novos autores com quem trabalhamos serão imprescindíveis.

Isabel Garcês, editora da Caminho

19ºs encontros luso-galaico-franceses

futuros investigadores as temáticas mais importantes que se devem trabalhar e que podem funcionar como eixos a partir dos quais se desenvolverão leituras e reflexões específicas.

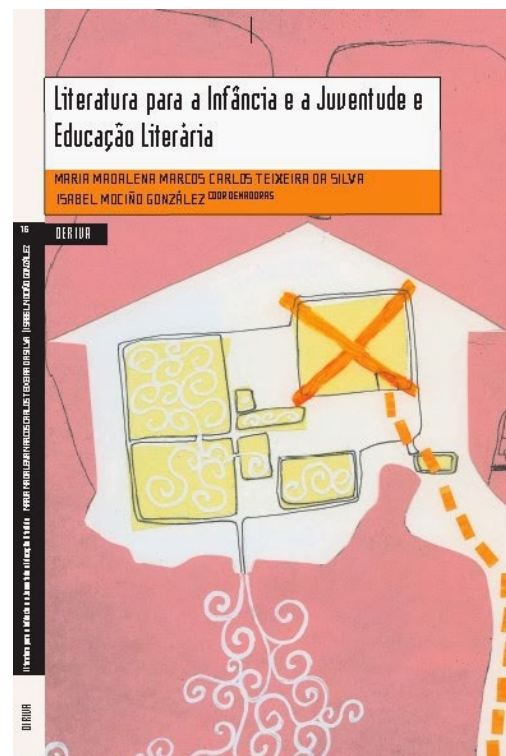
Outras publicações presentes resultam das Jornadas, também anuais, da ANILIJ (Asociación Nacional en Investigación de Literatura Infantil y Juvenil), na qual a academia portuguesa tem acento por via da ELOS (Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil). Por via de uma parceria com a Universidade do Minho, editaram-se até ao momento quatro volumes com ensaios que resultam de propostas submetidas às jornadas de cada ano, de acordo com a temática proposta no ano anterior, e que são avaliados por uma equipa académica. Estes volumes abordam a crítica e a investigação, a diversidade cultural, as identidades e a família e têm a particularidade de incluírem dois suportes: o livro em papel apresenta apenas o índice dos textos, que são compilados num cd que integra o próprio livro, diminuindo assim os custos de impressão. Ali se encontram muitas leituras, estudos e referências sobre a literatura infantil e juvenil do espaço iberoamericano, mas não só, constituindo obras a incluir numa biblioteca de estudos literários.

Contando já com 19 edições e várias fases, com mais ou menos apoio, estes Encontros já têm uma longa história, parte dela registada em livro. Enquanto se espera por tudo o que possam trazer os próximos, quando se assinalarem duas décadas, recomenda-se a leitura de *Literatura para a Infância e a Juventude e a Educação Literária*.

Aqui se refletem os Encontros do ano passado. O volume integra, para além das comunicações, entrevistas e outros artigos, por

forma a valorizar o próprio tema e a publicação, este ano editada pela Deriva. Numa fase de implementação, no ensino, das metas de educação literária faz mais sentido do que nunca começar justamente por aí: o que é educação literária? E, ainda mais, como podemos ler melhor?

Até para o ano.



Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brítes

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

